

# América Central: seis países, uma nacionalidade, uma revolução

NAHUEL MORENO



Como complemento ao dossiê sobre a América Central publicado neste número da *Marxismo Vivo*, selecionamos um texto do trotsquista argentino e fundador da LIT, Nahuel Moreno, publicado em 1981: *América Central: seis países, uma nacionalidade, uma revolução*.

Este curto trabalho de Moreno é, ao nosso ver, um dos melhores exemplos de aplicação da teoria marxista à análise de uma formação econômica-social, a dos países centro-americanos, e sua relação com a luta de classes e o processo revolucionário concreto.

Nele estão sintetizados os principais problemas da revolução centro-americana: a relação e a política do imperialismo, a política do stalinismo e da direção cubana; o programa e a estratégia para a Revolução Socialista na América Central.

Ao publicá-lo nas páginas desta revista, queremos dar aos revolucionários centro-americanos dos dias de hoje um dos melhores exemplos das posições da LIT naquele período, além de colaborar com a construção de um programa revolucionário socialista atual para a região.

## **Uma nacionalidade atomizada em seis países**

TRADUÇÃO  
MARCOS MARGARIDO

Não se pode efetuar uma análise séria da revolução centro-americana sem caracterizar, do ponto de vista histórico e de sua localização no conjunto da América Latina, o subcontinente centro-americano com seus seis países.

Uma já longa discussão foi realizada no movimento trotsquista sobre o caráter da América Latina e sua revolução. Uma corrente defendia que toda América Latina constitui uma só nacionalidade, impedida de formar uma única nação em função da política e exploração imperialistas. A revolução socialista no continente teria como um de seus objetivos mais importantes o de constituir essa nação. As duas vertentes históricas constitutivas da Quarta Internacional (Comitê Internacional) polemizaram durante anos contra esta concepção e seu programa.

Para nós, ao contrário, os países latino-americanos constituem autênticas nacionalidades, estruturadas em nações diferenciadas, embora semicolonizadas pelo imperialismo norte-americano. México, Colômbia, Brasil ou Argentina não são “estados” de uma mesma nação, mas nacionalidades independentes e, no caso do Brasil, inclusive com uma língua diferente.

O que dizemos não nega que a unidade geográfica, linguística e cultural dos países de fala espanhola origine uma tendência à unificação numa só nacionalidade. Mas esta é apenas uma tendência, de caráter histórico, que durante as lutas pela independência manifestou-se de modo embrionário e utópico, e que começa a se expressar com uma intensidade crescente a partir do segundo pós-guerra devido à multiplicação dos intercâmbios comerciais, culturais e políticos, e dos problemas similares implantados pelo aumento da exploração norte-americana em todo o continente.

Porém, não se pode confundir a tendência histórica à constituição de uma só nacionalidade com a realidade presente, que está determinada pela existência de verdadeiras nacionalidades diferentes. É justamente esta análise a única que justifica que nossa Internacional levante a tarefa de constituir a Federação de Repúblicas Socialistas da América Latina. Esta bandeira tende a unificar o continente a partir do reconhecimento da realidade de suas nações atuais. É a síntese programática entre uma realidade, as nações atuais, com uma necessidade imperiosa expressa hoje como tendência, a de sua unidade.

Por outro lado, a América Central constitui uma realidade qualitativamente distinta do restante da América Latina. Por razões de unidade e extensão geográfica, tradição histórica comum que parte da colônia unida, cultural e idiomáticamente, forma uma só nacionalidade dividida em seis Estados distintos, onde a tendência à conformação de uma só nacionalidade é forte e evidente.

Torna-se imprescindível esta caracterização do subcontinente para compreender o processo revolucionário que atualmente o sacode, e para termos um programa correto. É preciso partir do fato de que a força da revolução nicaraguense ou salvadorenha não está dada apenas pelo heroísmo dos trabalhadores de cada um desses países, mas por sua relação orgânica com a revolução centro-americana, como um processo de conjunto. Esta não é uma abstração livresca ou literária, mas uma realidade que se expressa, entre outros fatores, nas centenas de milhares de centro-americanos que a través-



## Clássicos do Marxismo

---

sam suas fronteiras para trabalhar nos países limítrofes. É uma realidade com manifestações em toda a história da América Central e, principalmente, no programa e na ação de seus grandes libertadores como Sandino ou Farabundo Martí, que lutavam e se consideravam parte dessa nação centro-americana.

Por isso, consideramos um erro, ou uma aproximação imprecisa, a palavra de ordem que havíamos levantado até este momento, de Federação de Repúblicas Socialistas Soviéticas de América Central e Cuba. Consideramos como muito mais apropriada a luta pelos **Estados Unidos Socialistas da América Central**, que leva em conta a experiência histórica.

A tendência dominante à conformação de uma só nação ou nacionalidade concretizou-se, historicamente, por exemplo, nos Estados Unidos da América, enquanto a unidade de nacionalidades diferentes, que não podiam constituir-se como uma só nação, teve sua expressão histórica na constituição de uma Federação de Repúblicas Socialistas, na URSS.

### **Revolução operária e contrarrevolução imperialista**

Por todo o anterior, consideramos que seria falso “somar” caracterizações dos distintos países centro-americanos para definir a realidade do subcontinente: é revolucionária em El Salvador, não revolucionária na Costa Rica, na Guatemala... O método adequado é o contrário: deve-se formular uma caracterização de conjunto sobre a situação na América Central, e partir dessa definição para assinalar as diferenças de país a país.

Utilizando este enfoque devemos definir que o triunfo da revolução nicaraguense contra Somoza abriu uma etapa revolucionária em toda América Central, o que constitui uma caracterização mais correta que limitar-se a ver as repercussões da vitória contra Somoza na luta revolucionária que se leva em El Salvador. Poderíamos precisar ainda mais, assinalando que antes da queda de Somoza a situação era pré-revolucionária, mesmo quando sua vanguarda, a Nicarágua, já vivia uma situação revolucionária, de guerra civil. A vitória das massas nicaraguenses contra a ditadura fez com que toda a situação centro-americana mudasse.

Como em toda situação similar, há setores de vanguarda e há também setores - neste caso, países - na retaguarda, mas o conjunto das nações centro-americanas é parte do mesmo turbilhão revolucionário. Isto é o que explica a demasiada importância que o imperialismo norte-americano concede a El Salvador, assim como o silêncio cúmplice da imprensa imperialista sobre a Guatemala. Toda análise que tome como ponto de partida a caracterização de um ou outro país é, por isso mesmo, equivocada e é cair na armadilha construída pelo imperialismo e pela política contrarrevolucionária do stalinismo e do castrismo.

O enfrentamento a esta política contrarrevolucionária deve, pois, começar por afirmar a caracterização de que na América Central há um só processo objetivo e de conjunto, o de uma revolução operária contra o imperialismo norte-americano, e que tende à unificação em um só Estado de todo o istmo.

Esse processo revolucionário único tem um desenvolvimento desigual. Na Nicarágua já presenciamos uma revolução triunfante, que derrotou Somoza, operária por suas consequências e seu caráter de classe. De fato, por um lado desmantelou a estrutura do Estado burguês e por outro se apoiou na luta dos



**Washington sabe perfeitamente que uma guerra revolucionária sustentada conscientemente em toda América Central [...] seria a antessala da extensão da revolução ao México e ao próprio seio dos EUA**



NAHUEL MORENO

trabalhadores para derrotar o bastião ditatorial do regime burguês nicaraguense, a burguesia somozista servil ao imperialismo norte-americano. Esse triunfo antiditatorial e anti-imperialista não chegou até o final - a expropriação política e econômica de todos os exploradores - devido à influência castrista e stalinista, assim como ao caráter pequeno-burguês da direção sandinista, mas esta é a tarefa que está colocada.

Em El Salvador e na Guatemala presenciamos uma guerra civil das massas contra duas ditaduras sanguinárias e pró-imperialistas. Isto quer dizer que estamos diante de uma revolução democrática por seus objetivos imediatos, e operária por seu caráter de classe e pelo inimigo que enfrenta.

Em Honduras, Panamá e Costa Rica, uma acumulação de lutas operárias e populares tem ocorrido em meio a uma crise crescente dos regimes burgueses.

A revolução em curso na América Central que, por seus objetivos imediatos em alguns países aparece como democrática - abater ditaduras sanguinárias -, é uma revolução operária e socialista, em relação à dinâmica de classe e objetivos gerais. Em cada um dos países, os trabalhadores enfrentam os governos burgueses e agentes diretos do imperialismo, convertendo-a numa luta contra a expressão política e econômica da exploração capitalista e imperialista. Por outro lado, como luta de conjunto das massas centro-americanas que tendem à unificação num só Estado, enfrenta diretamente o imperialismo norte-americano, que sustenta e obtém os máximos proveitos da divisão da região em seis Estados nacionais diferentes.

Na América Central, não pode ocorrer um triunfo revolucionário que, ao permanecer isolado em alguns dos países, possa manter-se por muito tempo. Isto se deve a um conjunto de razões derivadas da unidade geográfica, econômica e ainda política da América Central. Uma revolução operária triunfante constituiria um alvo fácil para os exércitos dos outros países da região ligados estreitamente ao aparato militar estadunidense. Este perigo só poderia ser superado pelo desenvolvimento geral do processo revolucionário em toda a América Central, o que por outro lado seria inevitável dado o entusiasmo e as repercussões de todo tipo que tal triunfo despertaria.

Foi o imperialismo norte-americano que, como moderna metrópole capitalista, impôs e manteve e atomização nacional na América Central, para manter mais facilmente o estatuto semicolonial de todos esses países e melhor explorar as massas. Tampouco aqui se trata de uma afirmação meramente literária, porque, efetivamente, a divisão é uma das ferramentas que contribuem para facilitar a brutal superexploração das massas e a espoliação das riquezas dessas nações. A balcanização torna mais difícil oferecer uma resistência maior

## Clássicos do Marxismo

---

desses países liliputianos e seus trabalhadores contra a dominação imperialista. Basta comparar a situação do istmo com as relações que o México conseguiu estabelecer com os Estados Unidos, para ver com clareza que efetivamente a balcanização oferece inúmeras vantagens à metrópole do norte. A mal dissimulada hostilidade e sabotagem do imperialismo ante a tentativa abortada de constituição do Mercado Comum da América Central é outra confirmação acessória do que dizemos.

A estratégia contrarrevolucionária do imperialismo norte-americano na América Central tem, por isso, uma prioridade clara: evitar que o processo objetivo de revolução em toda a região se transforme num processo consciente. Para manter a balcanização dos estados, necessita balcanizar o próprio processo revolucionário.

Daqui se deriva a principal razão para o imperialismo manter uma ajuda econômica limitada e uma atitude temporizadora frente à revolução encabeçada pelo sandinismo. Não se trata somente de limitar essa revolução, operária por sua dinâmica, dentro dos limites asfixiantes das relações de produção capitalistas, mas também de que não ultrapasse as fronteiras nacionais da Nicarágua, o que não é senão outra maneira de asfixiá-la.

Essa é também a explicação da verdadeira obsessão por isolar as guerras civis declaradas em El Salvador e na Guatemala de toda ajuda exterior e de toda interação com o conjunto da revolução centro-americana.

Trata-se de impedir, por todos os meios, que se mantenha a íntima ligação entre as revoluções nicaraguense, salvadorenha e guatemalteca. O cálculo imperialista é evidente: primeiro, isolar, compartimentar, atomizar o processo revolucionário em consonância com a atomização das nações da região; depois, esmagar sem misericórdia as massas sublevadas, como em El Salvador, ou negociar a traição, como na Nicarágua.

Esta política constitui uma questão de vida ou morte para o imperialismo. Washington sabe perfeitamente que uma guerra revolucionária sustentada conscientemente em toda América Central, dando-se conta de que as condições objetivas estão mais do que maduras para isso, seria a antessala da extensão da revolução ao México e ao próprio seio dos Estados Unidos. Por um lado, o imperialismo seria arrastado a uma intervenção militar direta, transformando a América Central num novo Vietnã, com tudo o que isto significaria em sua política interna. Por outro lado, isto tornaria verdadeiramente explosivos os vasos comunicantes existentes entre as numerosas e exploradas comunidades latina e negra dos Estados Unidos. Isto é justamente o que o imperialismo trata de evitar por todos os meios.

### **A política do stalinismo, do castrismo e dos nacionalistas**

Não se pode compreender a magnitude do papel ativamente contrarrevolucionário do stalinismo e do castrismo frente à mobilização das massas centro-americanas se não o situarmos na revolução de toda a América Central.

Da mesma forma que o imperialismo, o certo instinto contrarrevolucionário do stalinismo e do castrismo levou-os a fazer os mais denodados esforços para limitar primeiro e depois esmagar a revolução centro-americana, vigiando ciosamente para que cada processo fique limitado aos Estados na-

cionais impostos pelos EUA.

O stalinismo e seu alter-ego, o castrismo, têm uma política e uma ação conscientes para trair e derrotar o movimento revolucionário de massas. É em função desta política que podem passar da aliança com governos burgueses reacionários à intervenção no próprio seio das massas sublevadas como quinta-coluna contrarrevolucionária. Não se trata de uma direção revolucionária que “comete erros”, nem sequer de uma condução vacilante por sua composição e política pequeno-burguesas, mas da ação deliberada e sistemática de uma casta que se move de forma consequente em função de objetivos conscientemente contrarrevolucionários.

Com tudo isto, queremos acentuar que o stalinismo, nesta etapa da revolução mundial na qual seu inimigo imediato é o ascenso do movimento de massas e não uma hipotética confrontação militar com o imperialismo, prefere não correr nenhum risco. A burocracia do Kremlin e seus agentes não manobram com o movimento de massas nem especulam para que sua mobilização revolucionária lhe permita melhores negociações com o imperialismo, mas, ao contrário, o primeiro objetivo do stalinismo é intervir para frear ou esmagar o processo revolucionário, para mantê-lo dentro dos limites do regime burguês e demonstrar que está totalmente subordinado à coexistência pacífica com o imperialismo.

O castrismo tem a mesma política. Utiliza-se da herança e das relações obtidas de seu antigo caráter de movimento nacionalista revolucionário para melhor trair e compartimentar o processo revolucionário. Seja na África ou na América Central, sempre está a serviço da “coexistência pacífica” que, como eles mesmos reconhecem com toda franqueza, é o eixo de sua política.

Insistimos: o stalinismo não joga com a revolução para melhor chantagear o imperialismo, mas se empenha para que as revoluções sejam desviadas ou derrotadas o mais rápido possível. Logo depois de consegui-lo, preocupa-se por “passar a fatura” ao imperialismo, conformando-se com o trabalho cumprido se, como ocorre comumente, não consegue cobrá-la. E nisto não há nada de ingenuidade: é o frio cálculo de uma casta que se sabe diretamente ameaçada por cada revolução.

As direções nacionalistas pequeno-burguesas não controladas pelo stalinismo nem pelo castrismo são, em troca, relativamente progressistas. Não é preciso repetir que nem seu programa nem seus métodos são considerados os mais corretos por nós e podemos reiterar que estas direções têm falhas políticas que são produto do limite insuperável de seu caráter pequeno-burguês. Mas o que aqui queremos destacar é que suas limitações e erros são justamente isso, e não uma deliberada e consciente política contrarrevolucionária, como ocorre com os agentes de Moscou. Neste sentido, estas correntes são qualitativamente distintas do stalinismo e do castrismo. A razão de ser dessas correntes, sua aparição na vida política, tem a ver com a necessidade objetiva da luta contra o imperialismo e os governos ditatoriais; é uma resposta, embora parcial e limitada, de caráter democrático e anti-imperialista. Portanto, esses movimentos cumprem durante uma etapa do processo revolucionário, a da luta antiditatorial e anti-imperialista, um papel progressista.

Sem nos confundirmos com eles, já que programática, metodológica e





## Clássicos do Marxismo

---

teoricamente são diferentes do trotsquismo, devemos ser conscientes do papel relativamente progressista que desempenham em determinado momento da luta revolucionária. Igualmente - sem ignorar que, dado seu caráter pequeno-burguês esses movimentos e suas direções tendem, e definitivamente terminam pactuando com o stalinismo e a burguesia - temos de sublinhar que é justamente na primeira etapa da luta revolucionária, na qual o nacionalismo pequeno-burguês participa e às vezes encabeça as lutas contra as ditaduras e o imperialismo, que mais patente se faz sua diferença com o castrismo e o stalinismo, porque estes atuam de forma conscientemente contrarrevolucionária.

Estas considerações são de uma importância e utilidade política imensas. São, por exemplo, imprescindíveis para abordar corretamente a evolução dos movimentos guerrilheiros e a Frente que eles constituíram em El Salvador. No curso da guerra civil contra a Junta Militar, os diversos agrupamentos pequeno-burgueses nacionalistas, com uma inegável influência de massas, tiveram um papel limitado e inconscientemente revolucionário. Mas a integração e a influência do stalinismo à FMLN transforma, ou tende a transformar, a Frente numa ferramenta contrarrevolucionária (coisa que, evidentemente, pode provocar fricções e enfrentamentos, o que é outro problema). É assim que a chamada “ofensiva final” em El Salvador deve ser julgada; não como uma batalha erroneamente preparada, mas como uma manobra contrarrevolucionária cuidadosamente montada pelo stalinismo e o castrismo para derrotar ou deter o ascenso revolucionário, e em particular suas vitórias e consolidação no campo. Se esta armadilha não conseguiu alcançar o objetivo de derrotar as massas, não se deve à falta de vontade do stalinismo, mas porque foi impedido pelo heroísmo dos trabalhadores salvadorenhos e pelo caráter orgânico da revolução centro-americana.

Temos outro exemplo no caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que durante a luta antissomozista deu mostras de uma sensibilidade ante o movimento de massas que não pode ser compreendida cabalmente sem atestar o fato de que o stalinismo não atuava nela. Durante esse período culminante da luta contra o ditador, o sandinismo era sensível às pressões e exigências do movimento de massas. O aparato stalinista, em troca, é praticamente insensível às pressões e demandas das massas, pois é educado para responder fielmente às variadas necessidades táticas e à permanente política contrarrevolucionária da burocracia.